



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade

Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 555-562, ago./dez. 2020

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

SEÇÃO ENTREVISTA

ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E SOCIOLINGUÍSTICOS BRASILEIROS E SUAS INTERCONEXÕES COM PESQUISAS ALEMÃS: cooperação, parcerias, internacionalização

JOACHIM STEFFEN

Esta atual edição traz à baila a temática “Sociolinguística(s), linguagens e sociedade”. Esse número temático teve por objetivo reunir pesquisas que abarcassem, a partir de pressupostos teórico-metodológicos da(s) Sociolinguística(s), resultados investigativos em distintas comunidades de fala na sociedade com o propósito de se mostrar diversidades, variações em uso, diferentes linguagens e preconceitos em suas roupagens linguísticas e sociais. Sendo assim, a escolha do nosso entrevistado, Dr. Joachim Steffen, se deve às pesquisas (sócio) dialetológicas que vem desenvolvendo em solo brasileiro, atreladas a distintas instituições, dentre elas a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), na qual integra o Projeto Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso (DIVALIMT) com o propósito de descrever a variação do português falado por comunidades quilombolas de Mato Grosso, em contextos sócio-históricos distintos.

O entrevistado possui doutorado realizado na Christian-Albrechts Universitaet zu Kiel em 2006. De 2011 a 2013 foi professor pesquisador na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com uma bolsa Feodor Lynen da Fundação Alexander von Humboldt, sendo que concluiu pós-doutoramento nesta mesma instituição em 2013. Em 2015, obteve o título de livre-docência (Habilitation) na Christian-Albrechts Universitaet zu Kiel (2006). De 2016 a 2018 atuou como professor visitante na Universidade de São Paulo. Desde 2018 é Professor Catedrático na Universidade de Augsburg, Alemanha e atua no Programa de Pós-graduação Anwendungsorientierte Interkulturelle Sprachwissenschaft (Master).

As pesquisas desenvolvidas pelo entrevistado perpassam a área de Linguística Românica, com ênfase em Sociolinguística e Dialetologia. Publicou inúmeras obras e artigos científicos, tanto no Brasil quanto na Alemanha, dentre os quais destacam-se um artigo publicado na Revista Norte@mentos, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras) da UNEMAT/Sinop, intitulado **Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no Sul do Brasil através de cartas de imigrantes. Interferências fonéticas no português dos imigrantes**, e uma obra publicada em parceria com os professores Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS/Brasil) e Harald Thun (CAU/Alemanha) chamada **Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil**.

Neusa Inês Philippsen

1 – Neusa Inês Philippsen: Conte-nos um pouquinho sobre sua trajetória acadêmica e profissional, tendo em vista que o senhor já realizou pesquisa e atuou profissionalmente em vários países.

Joachim Steffen: Na verdade, o meu interesse pela linguística vem do meu interesse em viajar e conhecer diferentes países e culturas. Antes dos meus estudos trabalhei durante algum tempo no setor agrícola no Uruguai e por isso terminei por estudar espanhol na Universidade de Kiel. Durante os meus estudos aprendi outras línguas românicas e viajei para a América Latina várias vezes. A minha tese de doutoramento de 2006 trata do contato linguístico em Belize, América Central. Quando terminei o meu doutoramento, fui professor visitante na Universidade Nacional do México e depois pesquisei e lecionei tanto em Porto Alegre como em São Paulo, com uma breve pausa na Europa (Kiel e Salzburgo). Assim, de 2007 a 2018, me movi várias vezes entre a Europa e a América Latina. Felizmente, a minha família sempre me acompanhou com muita disposição e bom espírito, e foi também um enriquecimento para os meus filhos crescerem em contextos tão diferentes. Desde 2018, sou professor catedrático na Universidade de Augsburg, Alemanha, o que constitui uma base muito boa para uma continuação da cooperação internacional.

2 – Neusa Inês Philippsen: Por que o Brasil passou a fazer parte de seu interesse em pesquisa e que tipo de parcerias firmou em nosso país?

Joachim Steffen: O meu orientador de doutoramento, Harald Thun, tem tido estreitos contatos com o Brasil há muitos anos, especialmente com Cléo Altenhofen da UFRGS. Isto também me deu a oportunidade de trabalhar com o Cléo com uma bolsa de estudo da Fundação Alexander von Humboldt, que realizei de 2011 a 2013. O meu projeto individual estava afiliado ao projeto Atlas Linguístico das Minorias Alemãs na Bacia do Prata - Hunsrückisch (ALMA-H), que é dirigido por Harald Thun e Cléo Altenhofen. No marco do meu projeto, recolhi cartas privadas de imigrantes e descendentes de origem alemã no Sul do Brasil, onde eu tive o privilégio de conhecer muitas pessoas muito simpáticas. Além disso, nesse empenho juntou-se um *corpus* linguisticamente muito interessante, que ainda hoje continuo avaliando e estudando.

Durante este tempo no Brasil pude estabelecer e aprofundar muitos contatos académicos que eu valoro muito, por exemplo com Cristiane Horst e Marcelo Krug da UFFS em Chapecó, que irão de fato passar um ano na minha universidade aqui na Alemanha a partir de novembro, ou com você desde que nos conhecemos em setembro de 2013. Desde então, estive várias vezes em Sinop e noutros lugares de Mato Grosso, tanto para pesquisa de campo como para eventos académicos. Também tenho participado em numerosas bancas, o que sempre gosto de fazer porque consigo ver quais são os interesses atuais, mas também porque é bom ver como são numerosos e entusiastas os jovens linguistas no Brasil. Através da amizade e cooperação com a UNEMAT, tive também a excelente oportunidade, no ano passado, de recolher dados em comunidades quilombolas no MT, conjuntamente com você e o nosso caro colega Antonio Carlos Santana de Souza.

Depois do meu tempo em Porto Alegre, voltei à Alemanha por dois anos e meio. Quando surgiu a oportunidade de ir novamente ao Brasil em 2016, desta vez para a USP em São Paulo, não pensei duas vezes. Lá estive durante cerca de dois anos, mas foi suficiente para conhecer outros colegas muito estimados, tanto no Departamento de alemão da USP como no Departamento de línguas clássicas e vernáculas (DLCV) da FFLCH. Estamos atualmente em vias de estabelecer um convênio com a USP. Por um lado, refere-se a um programa conjunto de mestrado,

mas, por outro, implica também à cooperação em matéria de pesquisa, especialmente com o apreciado colega Mourivaldo Santiago Almeida do DLCV

3- Neusa Inês Philippsen: Como o senhor definiria a pesquisa no Brasil relacionada aos estudos de linguagem?

Joachim Steffen: O Brasil é um campo incrivelmente fascinante para a linguística, e isso nas mais diversas áreas. Por um lado, no campo da política linguística, porque, ao contrário da percepção geral, é um país extraordinariamente plurilíngue. De acordo com o IBGE, falam-se cerca de 274 línguas indígenas; além disso, existem 56 línguas de imigração. Esta diversidade linguística não é muito proeminente na consciência pública, mas tenho a impressão de que houve uma mudança de pensamento, particularmente nas últimas duas décadas, e que o plurilinguismo é agora mais valorizado.

Naturalmente, o plurilinguismo está também ligado ao vasto campo da investigação do contato linguístico, uma vez que os falantes e as línguas não permanecem isolados uns dos outros. Este aspecto também desempenha um papel importante no estudo das origens do português brasileiro (PB). Se tomamos, por exemplo, os estudos de Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) sobre o português afro-brasileiro, é indiscutível que o contato linguístico e o que eles chamam *transmissão linguística irregular* desempenhou um papel importante na formação do PB. De forma interessante, as mesmas tendências sintáticas que caracterizam o afro-brasileiro frequentemente podem ser encontradas nas cartas históricas escritas em português pelos imigrantes. É o caso, por exemplo, do fenômeno da concordância zero, que foi visto como um argumento central para uma suposta crioulização anterior do PB.

Curiosamente, há uma forte tendência para reduzir as marcas morfológicas de concordância tanto em termos de número quanto de gênero nos textos escritos por imigrantes alemães e seus descendentes. Isto é particularmente notável, uma vez que em alemão também existe concordância entre os elementos da frase nominal e entre o sujeito e o verbo. Assim, podemos provavelmente atribuir a perda das marcas de concordância a uma aquisição incompleta da L2 sem ter de assumir uma crioulização como explicação para este e outros fenômenos sintáticos do PB. Sem entrar em mais detalhes, acredito que o estudo da origem e da variação e

mudança no PB não pode ser feita sem ter em conta o contato linguístico. Felizmente, o Brasil tem uma longa e bem-sucedida história de investigação linguística que reúne aspectos sociolinguísticos e de sintaxe formal, que também olha cada vez mais para as estruturas que existem nas línguas de contato. Desta forma, a investigação linguística no Brasil é também de grande importância para o estudo de linguagem em geral.

4 – Neusa Inês Philippsen: Como o senhor vê a relação entre a Dialectologia e a Sociolinguística e suas interconexões entre linguagens e comunidades linguísticas?

Joachim Steffen: Como indiquei no ponto anterior, acredito que a Dialectologia e a Sociolinguística são hoje inseparáveis. O meu supervisor de doutoramento Harald Thun demonstrou com os seus projetos de atlas linguístico no Uruguai (ADDU) e Paraguai (ALGR), nos quais eu tive o prazer de colaborar como estudante, que o chamado método pluridimensional, que combina os métodos da dialectologia tradicional com a diastrática e a diafásica, é a abordagem certa especialmente para a paisagem dialetal na América Latina, que se caracteriza por uma grande mobilidade demográfica e em que não existe uma grande quantidade de dialetos primários (no sentido coseriano) historicamente enraizados como na Europa.

No que diz respeito ao Brasil, também acredito que ainda há muito a investigar neste sentido, também porque a variação diastrática é geralmente considerada como maior em comparação com a diatópica no Brasil. O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) mostra, por outro lado, que também na diatopia no âmbito rural existe variação considerável. A combinação das dimensões de variação e a oposição sistemática de variedades rurais e urbanas parece ser, portanto, a forma mais convincente de fornecer uma imagem completa.

5 – Neusa Inês Philippsen: Em sua opinião, qual a importância de se realizar pesquisas com línguas minoritárias?

Joachim Steffen: Isto é importante desde diferentes perspectivas. Por um lado, em termos de investigação básica, ou seja, para a teoria geral da língua e os aspectos do contato linguístico que são relevantes para ela. Uma vez que as línguas minoritárias normalmente não são padronizadas, são particularmente indicadas para estudar os fenómenos de variabilidade. No caso das línguas europeias dos

imigrantes, é muito relevante considerá-las em relação à geografia dialectal do país de origem. Aqui encontramos em parte fenómenos que já foram eliminados das variedades padronizadas na Europa.

Por outro lado, também podemos observar processos de koineização e o surgimento e estabilização de novas variedades no território brasileiro, por exemplo, no caso do talian (vêneto brasileiro) e do hunsriqueano (a variedade do alemão com maior difusão no Brasil). No caso das línguas indígenas americanas, existem alguns subsistemas gramaticais especiais que são de grande interesse, tais como as categorias gramaticais de evidencialidade por vezes muito sofisticadas.

Mas também desde uma perspectiva cultural, considero a investigação sobre as línguas minoritárias no Brasil extremamente importante porque pode proporcionar um sentido da riqueza linguística desse país tão grande em todos os sentidos.

6 – Neusa Inês Philippsen: A Alemanha tem se mostrado muito receptiva em realizar convênios para a realização de pesquisas em distintos países, dentre eles o Brasil. Como o senhor vê essa iniciativa?

Joachim Steffen: Esta mentalidade já tem, de facto, uma longa tradição. O DAAD, o Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico, foi fundado em 1925 e é a maior organização mundial de financiamento para o intercâmbio internacional de estudantes e acadêmicos. Como eu também era um representante do DAAD no México e em São Paulo, estou particularmente ligado a esta instituição e aos seus objetivos que consistem em intensificar a cooperação internacional no âmbito acadêmico. Mas obviamente também as outras organizações de financiamento da investigação, tais como a DFG (Sociedade Alemã de Amparo à Pesquisa) ou a Fundação Humboldt, são orientadas internacionalmente.

Acabo de iniciar um projeto em que trabalho em conjunto com colegas argentinos e que é apoiado pela DFG e CONICET da Argentina. O objeto de investigação são tratados médicos em espanhol e Guarani, que foram escritos nas reduções jesuítas e em parte copiados várias vezes ao longo do tempo. Dão uma visão do contato linguístico entre o espanhol e o guarani, do desenvolvimento e das mudanças em ambas as línguas na região do Rio da Prata e são também extremamente interessantes desde uma perspectiva antropológica e da história da medicina. Neste projeto específico, tem linguistas, antropólogos e historiadores da

Argentina e da Alemanha colaborando internacionalmente, o que certamente ajudará a aceder e compreender melhor aos manuscritos no seu contexto histórico, cultural e linguístico. Em qualquer caso, considero a internacionalização da ciência a todos os níveis - desde estudantes a pesquisadores experientes - como uma tarefa essencial das instituições acadêmicas.

7 – Neusa Inês Philippsen: O que o senhor diria para quem tem interesse em participar desses convênios? Quais são os primeiros passos que devem ser seguidos?

Joachim Steffen: Depende um pouco da situação atual do indivíduo interessado no intercâmbio. No caso dos estudantes, o DAAD é certamente o primeiro ponto de contato. Deve ter-se em conta que esta instituição - tal como as outras acima mencionadas - também tem alguns programas de cooperação com a CAPES. Isto significa que, em primeiro lugar, mais bolsistas brasileiros podem ser apoiados e, em segundo lugar, o processo de candidatura é talvez mais fácil de entender para os brasileiros porque é também administrado por uma instituição brasileira.

Antes do processo efetivo de candidatura a uma bolsa, no entanto, duas outras etapas são essenciais. Em primeiro lugar, é necessário o contato pessoal com um possível orientador ou parceiro de cooperação na Alemanha. Em segundo lugar, é importante aprender alemão. A maioria dos programas a nível de estudantes exige isto. Além disso, é realmente aconselhável falar pelo menos um pouco de alemão para que uma eventual estadia na Alemanha seja mais agradável. Hoje em dia, pode-se começar com um curso *on-line*, por exemplo, com a oferta da *Deutsche Welle*, que é o programa de televisão internacional da República de Alemanha.

Correspondência:

Neusa Inês Philippsen. Pós-doutora pela Universidade de São Paulo (USP). Professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Curso de Letras. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada e Sociolinguística (GEPLIAS). Coordena o Projeto Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso (DIVALIMT). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: neusa.philippsen@unemat.br

Joachim Steffen. Pós-doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutor e livre-docente pela Christian-Albrechts Universitaet zu Kiel (CAU). Professor Catedrático na Universität Augsburg (UNA) e atua no Programa de Pós-graduação Anwendungsorientierte Interkulturelle Sprachwissenschaft (Master).

Revista Even. Pedagog.

Número Regular: Sociolinguística(s), linguagens e sociedade
Sinop, v. 11, n. 2 (29. ed.), p. 555-562, ago./dez. 2020

Integra o Projeto Diversidade e Variação Linguística em Mato Grosso (DIVALIMT).
Augsburg, Baviera, Alemanha. E-mail: Joachim.Steffen@Philhist.Uni-Augsburg.de

Recebido em: 19 de agosto de 2020.

Aprovado em: 1 de setembro de 2020.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/4100/2811>